

1

Multiculturalismo: Direitos das minorias na era da globalização *Multiculturalism: minority rights in the era of globalization*

PAULO VARGAS GROFF

Doutor em Direito, pela Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne); mestre em Ciência Política, pela Université de Paris III (Sorbonne Nouvelle); bacharel em Direito, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos; professor da Universidade Regional Integrada – URI – *Campus* de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, do Mestrado, da Especialização e da Graduação em Direito, e professor de Gestão Pública da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS; líder do Grupo de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Tutela dos direitos e sua efetividade, juntamente com o Prof. Dr. Florisbal de Souza Del’Olmo.
E-mails para contato: paulo.vargas@sinpro-rs.org.br e pvargas@urisan.tche.br

ROGÉRIO PAGEL

Acadêmico do curso de Direito e bolsista de Iniciação Científica, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Vargas Groff, na Universidade Regional Integrada – URI, *Campus* de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul

1. INTRODUÇÃO

O multiculturalismo, com suas políticas sociais, busca a proteção e consequentes reivindicações de grupos excluídos da sociedade, principalmente em função da globalização hegemônica. Atualmente, as sociedades globais, sob vários aspectos, conferem novos significados aos indivíduos, à sociedade, aos modos de vida, às formas culturais, às etnias e, sobretudo, às minorias, ou seja, tudo pode ser analisado de um modo diferente quando visto sob a perspectiva de um mundo globalizado.

A globalização hegemônica, por meio da propagação de uma ideologia capitalista, tende, antes de tudo, a visar ao lucro. As consequências desse processo são, muitas vezes, catastróficas, sob uma análise cultural. Daí a necessidade de estudos abrangendo o fundamento do multiculturalismo, enquanto movimento que busca proteger os direitos das minorias.

2. MULTICULTURALISMO

Faz-se necessário, neste primeiro momento, tratar-se com mais clareza do significado do multiculturalismo, pois esta expressão não é muito familiar, tanto no meio acadêmico como no social. Para isto, serão abordados a origem e o conceito de multiculturalismo.

2.1. Origem do multiculturalismo

Questionar a origem do multiculturalismo é tema controverso, pelas diferentes concepções que o termo oferece. Numa primeira análise, pode-se condicionar a origem do multiculturalismo à globalização. Todavia, com esse entendimento, estaria havendo uma precipitação, pois a origem deste conceito não ocorreu com a globalização, mas se registra que, a partir desta, houve uma preocupação maior com a preservação das culturas, que se viram ameaçadas pela globalização.

A pluralidade de culturas não é um fenômeno do mundo moderno, não surgiu com a globalização, como se pode ver na manifestação de Ghai:

Por intermédio da criação e organização de Estados que, durante o colonialismo, reuniram diversos povos sob uma soberania e fronteiras comuns, bem como por intermédio das migrações mais contemporâneas, ela conduziu ao desenvolvimento de Estados e sociedades multiculturais¹.

A partir do século XVI, com o colonialismo e as grandes navegações, o comércio expandiu-se com extraordinário vigor. Esses fatores puseram em contato diferentes culturas, que, na busca desesperada por capitais, deram início à escravização de povos, surgindo daí grande parte das minorias hoje existentes. Para exemplificar, basta citar os afrodescendentes, que foram escravizados na América Latina.

Destarte, aqueles países que tinham suas identidades culturais relativamente definidas difundiram-se com grupos culturais distintos, tanto por seus costumes, credos e religiões tanto quanto por suas diferenças biológicas. Por esse motivo, o Brasil é um exemplo dessa expansão cultural, pois, por volta do ano de 1500, passou a haver uma miscigenação de grupos culturais distintos, na medida em que os portugueses deram início à colonização do País. Isso trouxe sérias consequências, pois assistiu-se ao surgimento de identidades distintas e a uma tendência para a fragmentação cultural, bem como a um grande número de minorias discriminadas.

Sob outro aspecto, o multiculturalismo, como forma de política social, por longo período não era reconhecido, devido à predominância de uma única cultura, que pregava uma ideologia das classes nobres ou dominantes. Essa ideologia visava a obter lucro por meio de outros grupos (os escravos, por exemplo), e não reconhecê-los. Dessa forma,

¹ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 557.

acirrava ainda mais o problema dos oprimidos, que, muitas vezes por não terem oportunidade de escolhas, ou até mesmo por medo, acabavam se submetendo aos comandos dos grupos opressores, ficando, assim, alienados a eles e dificultando sua liberdade. Nessa linha de raciocínio, Freire (1991), tratando da liberdade dos oprimidos, afirmou:

Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E a temem, também, na medida em que lutar por ela significa uma ameaça, não só aos que usam para oprimir, com seus “proprietários” exclusivos, mas aos companheiros oprimidos que se assustam com maiores repressões².

No entanto, diante da necessidade de proteção e superação intelectual, social e moral dessas minorias, o multiculturalismo, enquanto movimento social, começou a emergir. Embora não se tenha uma data definitiva, ele surgiu de forma mais organizada a partir dos anos 1960, principalmente nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, na área da Educação. Carlos Alberto Torres (2001) assinalou que o multiculturalismo não é recente, porém buscou definir uma data a partir da qual tal movimento começou a fluir:

[...] pode-se argumentar que, embora o multiculturalismo como enfoque histórico tenha adquirido forma mais vigorosa nos anos 1980 e 1990, a questão do multiculturalismo nos Estados Unidos é tão velha quanto a tentativa de o país estabelecer uma escolarização compulsória de massa³.

Nos dizeres de Torres⁴, a experiência do pós-guerra e as crescentes lutas sociais nos Estados Unidos desencadearam uma série de debates sobre relações intergrupais, sobre a diversidade e sobre o que as autoridades educacionais consideravam como lutas provocadoras de divisão entre diferentes grupos de interesse e grupos étnicos que competiam para dar forma à política e à prática educacional. Essas experiências, ou melhor, a necessidade de uma forma educacional que visasse à proteção e ao amparo de culturas minoritárias, passo a passo foram desencadeadas pelo mundo, surgindo assim movimentos sociais em prol das minorias, hoje denominados multiculturalismo.

Nessa perspectiva de proteção, Tomaz Tadeu da Silva (2004) chamou a atenção para o surgimento do multiculturalismo relacionado com a educação:

Nos Estados Unidos, o multiculturalismo originou-se exatamente como uma questão educacional ou curricular. Os grupos culturais subordinados – as

² FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 19.

³ TORRES, Carlos Alberto. *Democracia, educação e multiculturalismo: dilemas da cidadania em um mundo globalizado*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 201.

⁴ *Ibid.*, 2001. p. 201.

mulheres, os negros e os homens homossexuais – iniciaram uma forte crítica àquilo que consideravam como o cânon literário, estético e científico do currículo universitário tradicional. Eles caracterizavam esse cânon como a expressão de privilégio da cultura branca, masculina, europeia, heterossexual. O cânon do currículo universitário fazia passar por “cultura comum” uma cultura bastante particular – a cultura do grupo culturalmente e socialmente dominante. Na perspectiva dos grupos culturais dominados, o currículo universitário deveria incluir uma amostra que fosse mais representativa das contribuições das diversas culturas subordinadas⁵.

Contudo, o certo é que já se está diante de uma sociedade multicultural no mais amplo sentido, seja devido à diversidade cultural, seja aos movimentos sociais. Assim, a pluralidade de culturas faz criar uma convicção para apoiar o multiculturalismo como forma de movimento social reivindicatório dos grupos que se sintam ameaçados, e, destarte, efetivar o principal fundamento do Estado democrático de direito, que é o princípio da dignidade da pessoa humana.

2.2. Conceito de multiculturalismo

A noção de multiculturalismo, em sentido amplo, pode mudar de um lugar para outro. Algumas pessoas veem o multiculturalismo como uma filosofia antirracista; outras, como uma maneira de reforma educacional; outras, como proteção da diversidade cultural e dos direitos das minorias, ou o veem como uma neutralidade, entendendo ser uma simples pluralidade de culturas. O multiculturalismo para pessoas diferentes pode significar coisas diferentes. No entanto, não importa o modo de vê-lo, mas sim de efetivá-lo como um fim social que está sempre em prol de direitos de certos grupos.

Na classificação de McLaren (1997)⁶, é possível identificar quatro possíveis tendências de multiculturalismo: o multiculturalismo conservador, o multiculturalismo humanista liberal, o multiculturalismo liberal de esquerda e o multiculturalismo crítico e de resistência ou multiculturalismo revolucionário.

O multiculturalismo conservador defende a construção de uma cultura comum, unitária e nacional, privilegiando a assimilação da cultura tradicional ou majoritária pelas minorias como mecanismo de integração. Esta concepção afirma a superioridade da cultura tradicional branca diante das demais culturas.

O multiculturalismo humanista liberal parte do pressuposto da igualdade entre os seres humanos, afirmando que uma cultura não é superior à outra, mas que

⁵ SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade* – uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p. 89.

⁶ McLAREN, Peter. *A vida nas escolas*. Uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 311.

todas devem conviver de forma harmoniosa, cada uma podendo manifestar a sua diferença. Enfim, acreditam numa humanidade comum, universal e neutra, em que as pessoas conquistam os seus espaços em função de seus próprios méritos.

O multiculturalismo liberal de esquerda encontra-se mais atento aos modos de operar o poder e enfatiza as diferenças culturais ditadas por questões relacionadas à classe, ao gênero e à sexualidade. Acredita que o discurso da igualdade serve para mascarar as diferenças culturais existentes.

Finalmente, o multiculturalismo crítico ou de resistência, que é o que fundamenta este trabalho, afirma que as representações de classe, gênero e raça são o resultado das lutas sociais ampliadas. Além disso, defende a transformação das próprias condições sociais e históricas que naturalizam os sentidos culturais. Noutras palavras, esse modelo de multiculturalismo está relacionado com a política das diferenças e com o surgimento de lutas e movimentos sociais contra as sociedades racistas, sexistas ou classistas.

O multiculturalismo crítico e os movimentos sociais buscam assegurar que cada cultura tenha identidade própria, evitando, assim, uma homogeneização cultural. Sob essa análise, o multiculturalismo crítico surgiu como fundamento de muitas políticas sociais, visando à proteção da diversidade cultural, bem como ao amparo e ao reconhecimento de grupos minoritários.

A definição desses grupos depende muito da sociedade e da época histórica em que se contextualiza, pois é um conceito intimamente ligado à cultura de cada povo. Andréa Semprini (1999), falando sobre uma interpretação de multiculturalismo, definiu assim as minorias:

Ela concentra sua atenção sobre as reivindicações de grupos que não têm necessariamente uma base “objetivamente” étnica, política ou nacional. Eles são movimentos sociais estruturados em torno de um sistema de valores comuns, de um estilo de vida homogêneo, de um sentimento de identidade ou pertença coletivos, ou mesmo de uma experiência de marginalização. Com frequência é esse sentimento de exclusão que leva os indivíduos a se reconhecerem, ao contrário, como possuidores de valores comuns e a se perceberem como um grupo à parte⁷.

Freire (1991), em sua brilhante obra, *Pedagogia do oprimido*, chamou a atenção para a importância dos movimentos sociais para a libertação dos oprimidos. Esses grupos não são capazes, muitas vezes, por si só de libertar-se, pois, enquanto tocados pelo medo da liberdade, se negam a apelar a outros e a escutar o apelo que se lhes faça ou que tenham feito a si mesmos, preferindo a gregarização à convivência autêntica⁸. Assim, para

⁷ SEMPRINI, Andréa. *Multiculturalismo*. Bauru: Edusc, 1999. p. 44.

⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 19.

superar a existência de grupos oprimidos, o multiculturalismo implica conquistas e reivindicações, de modo a evitar as formas diversas de opressão, exclusão e dominação.

3. MULTICULTURALISMO E GLOBALIZAÇÃO

A pluralidade de culturas e a evolução da globalização tornam necessária uma análise do multiculturalismo e das mudanças sociais, principalmente da diversidade cultural. Por meio de seus movimentos, o multiculturalismo imporá barreiras à propagação de uma forma de globalização hegemônica.

A globalização caracteriza inúmeras áreas, não somente a econômica. Trata-se de um fenômeno abrangendo as dimensões econômicas, sociais, políticas e culturais. Segundo Boaventura de Sousa Santos (2002)⁹, nos debates acerca da globalização, há uma forte tendência para reduzi-la às suas dimensões econômicas, ou seja, à denominada globalização hegemônica. No entanto, a globalização reflete-se em aspectos sociais, políticos, culturais, razão pela qual se fala em globalização de modo geral (que inclui as diversas dimensões da globalização), e não apenas sob a perspectiva econômica.

3.1. Conceito de globalização

A globalização é um processo em ascensão e produz efeitos nas mais diversas áreas do cotidiano das pessoas e das sociedades. A partir da era das grandes navegações e do colonialismo, o processo econômico passou a difundir-se entre Estados. Passo a passo, foi-se caminhando rumo à globalização, a qual somente desencadeou-se após o fim da Segunda Guerra Mundial.

Consoante Torres (2001)¹⁰, a globalização é a intensificação das relações sociais em nível mundial, ligando localidades distantes, de tal maneira que acontecimentos locais são marcados por eventos ocorridos a muitas milhas de distância, e vice-versa. Santos (2003)¹¹, já numa visão pessimista, definiu globalização como sendo o processo pelo qual determinada condição ou entidade estende sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de considerar como sendo local outra condição social ou entidade rival.

Ao analisar-se o conceito de globalização, na visão do referido autor, nota-se a importância de tratar o impacto da globalização numa sociedade multicultural, ou melhor, abordar as políticas multiculturais como forma de combate à globalização hegemônica. No entanto, a relação entre multiculturalismo e globalização é, de certa forma, ambígua,

⁹ SANTOS, Boaventura de Sousa. *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 26-27.

¹⁰ TORRES, Carlos Alberto. *Democracia, educação e multiculturalismo: dilemas da cidadania em um mundo globalizado*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 85.

¹¹ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 434.

pois, de acordo com Boaventura (2003)¹², aquilo que habitualmente é chamado de globalização constitui, de fato, conjuntos diferenciados de relações sociais.

Com a existência dessas relações sociais, a globalização gera conflitos e, como resultado, haverá povos ou culturas vencedoras e vencidas. Aí entra a questão do multiculturalismo, que, como já definido nesse artigo, tem por função defender as minorias discriminadas.

3.2. Globalização e minorias

A globalização é malvista por teóricos multiculturalistas, pois produz diversos pontos negativos à diversidade cultural, tais como o surgimento das desigualdades sociais e dos grupos minoritários. Nesse sentido, Ianni (2000)¹³ afirmou que o fenômeno da globalização é como se fosse um terremoto inesperado e avassalador, provocando transformações mais ou menos radicais em modos de vida e trabalho, formas de sociabilidade e ideais, hábitos e expectativas, explicações e ilusões.

A globalização hegemônica, que teve sua origem no Ocidente, faz tomar conhecido em todo o cosmo uma ideologia capitalista, que busca uma fusão mundial dos mercados. Muitas vezes, essa ideologia coloca em conflito várias culturas, que cada vez mais se tornam homogêneas, contrariando dessa forma as políticas multiculturais.

As sociedades capitalistas exigem representações diferenciadas em poder e política, e favorecem a iniquidade por meio de hierarquias e interesse competitivo, e a desigualdade, por intermédio de um sistema em busca do lucro. Observa-se, assim, uma relação entre multiculturalismo, globalização e capitalismo, pois o capitalismo propicia a globalização, e esta influencia as políticas multiculturais, porém sob aspecto negativo, na medida em que cria classes dominantes.

As classes dominantes oprimem grupos menos favorecidos, o que acarreta exclusão social, econômica e política de pequenos trabalhadores. Como consequência, haverá vários grupos em condições financeiras precárias e uma concentração de rendas e riquezas nas mãos de poucas pessoas. Dessa maneira, a globalização vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e a miséria de milhões. Consoante Freire (1991)¹⁴, para os opressores, o que vale é ter mais, e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos ou do nada ter dos oprimidos.

Os oprimidos, muitas vezes, possuem em seu favor unicamente os direitos humanos, e, ao buscarem sua proteção, acabam por elidir uma ideologia hegemônica. A tradição dominante dos direitos humanos está relacionada com a filosofia ocidental, intimamente

¹² *Ibid.*, 2003. p. 433.

¹³ IANNI, Octavio. *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 03.

¹⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 25.

ligada ao liberalismo, ao individualismo e ao comércio. Dessa forma, pode-se dizer que os direitos humanos (direitos civis e políticos) tiveram sua origem no Ocidente. Isso fez com que suas fundamentações fornecessem apoio à globalização hegemônica.

Hoje, a chamada globalização capitalista, sobrecarregada de formas da globalização hegemônica, iniciada a partir do século XV, com a chegada das sociedades industriais, promove uma fragmentação cultural. Para melhor explicar a homogeneização cultural, recorre-se a um comentário exposto por Santos (2003) acerca do capitalismo global:

(...) há muitas evidências de que o capitalismo de mercado tende a quebrar e eventualmente a destruir a propriedade comunal ou comum da terra, e com isso os laços e a coesão da comunidade. Ele introduz novos valores que desenraizam modos tradicionais de pensar e agir. Quebra a família nuclear ou ampliada, em torno da qual estão estruturados valores e rituais da cultura¹⁵.

Por um longo período, devido à globalização capitalista, o multiculturalismo foi esquecido. Na época, não interessava compreender o outro e reconhecer suas diferenças; o verdadeiro interesse era obter o lucro, nem que para isso fosse necessário travarem-se lutas entre os povos. Assim, a sociedade era dominada pela economia¹⁶. Dessa forma, as globalizações do capitalismo acarretaram sérias implicações para as culturas. Kellner, citado por Torres (2001), argumentou:

Cultura é hoje um terreno particularmente complexo e contestado, à medida que as culturas globais invadem as locais e que surgem novas configurações unindo os dois polos, pondo em ação forças contraditórias de colonização e resistência, de homogeneização global e de formas e identidades locais híbridas¹⁷.

No entanto, com essas mudanças culturais causadas pelo processo de globalização, que se pode denominar globalismo localizado, altamente criticadas pelos adeptos do multiculturalismo, o mundo está, isto sim, a caminho de uma única cultura predominante, embora existindo outras culturas, porém sobrepostas a estas.

De acordo com Souza¹⁸, o modelo de globalização existente tem provocado diversas “transcultações”, especialmente ao longo dos últimos 50 anos. No entanto, não tem ainda provocado uma unidade na diversidade de culturas, apenas possibilitado

¹⁵ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 558.

¹⁶ TOURAINE, Alain. *Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje*. Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 38.

¹⁷ TORRES, Carlos Alberto. *Democracia, educação e multiculturalismo: dilemas da cidadania em um mundo globalizado*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 90.

¹⁸ SOUZA, João Francisco de. A pós-modernidade/ mundo e suas implicações educativas na visão de Paulo Freire. In: Lima, Maria Nayde dos Santos & Rosas, Argentina (Orgs.). *Paulo Freire – quando as ideias e os afetos se cruzam*. Recife: Universitária UFPE/ Prefeitura da Cidade de Recife, 2001.

uma diversidade cultural ou pluriculturalidade, que tende, predominantemente, à fragmentação cultural. Ainda, Hall (2000) afirmou que,

(...) em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais, e que são produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado¹⁹.

A solução para a globalização hegemônica, para Santos (GANDIN & HYPÓLITO, 2003)²⁰, é lutar e tentar chegar a um modelo de globalização que sequer precise de articulações por intermédio de rede e através da Internet, mas se constitua só pelo fato da simultaneidade de iniciativas que estão a surgir, não por coincidência, em diferentes partes do mundo. Contudo, o referido sociólogo defendeu a globalização contra-hegemônica, ou seja, uma globalização condizente com um projeto de sociedade que respeite as culturas locais, multiculturais e emancipadas.

Freire (1998), em similitude com Santos (GANDIN & HYPÓLITO, 2003), sustentou que a alternativa também está em lutar por uma forma de globalização que compatibilize o avanço tecnológico com as necessidades sociais:

Assim como não posso usar minha liberdade de fazer coisas, de indagar, de caminhar, de agir, de criticar para esmagar a liberdade dos outros de fazer e de ser, assim também não poderia ser livre para usar os avanços científicos e tecnológicos que levam milhares de pessoas à desesperança. Não se trata, acrescentamos, de inibir a pesquisa e frear os avanços, mas pô-los a serviço dos seres humanos²¹.

Ainda segundo Freire (1998)²², todo o avanço tecnológico haveria de corresponder ao empenho real de resposta imediata a qualquer desafio que pusesse em risco a alegria de viver dos homens e das mulheres. O primordial objetivo das políticas multiculturais é impor barreiras à propagação da globalização hegemônica, de forma a propiciar diálogos entre as diferentes culturas, o respeito e a proteção das identidades culturais, bem como buscar um modelo de globalização que se adapte à diversidade cultural, incorporando os cidadãos às vantagens que a sociedade global pode representar: maior renda, maior

¹⁹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 88.

²⁰ GANDIN, Luiz Armando & Hypolito, Álvaro Moreira. Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento. In: *Currículo sem Fronteiras*, v. 3, n. 2, 2003, p. 5-23. Disponível em: <<http://www.boaventuradesousasantos.pt/documentos/curriculosemfronteiras.pdf>>. Acesso em: 5 de março de 2009.

²¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 149.

²² *Ibid.*, p. 147.

crescimento e desenvolvimento socioeconômico. Para tanto, deverá ocorrer uma adaptabilidade no sistema em que se vive, para que todos os grupos sociais aproveitem os benefícios da realidade atual, visando a encontrar um comércio justo e equânime, onde não ocorram classes vencedoras e vencidas.

Por ora, o desafio é promover uma igualdade material entre os diversos grupos por meio do reconhecimento de suas diferenças, de forma a evitar grupos oprimidos. Deste modo, o multiculturalismo passa a ser o grande instrumento teórico dos desfavorecidos, que buscam ver assegurada a sua dignidade, por meio da igualdade de oportunidades e do respeito a sua identidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente trabalho, buscou-se analisar um marco inicial da diversidade cultural e, subseqüentemente, do multiculturalismo enquanto movimento social. Foram abordadas definições de multiculturalismo, com ênfase ao multiculturalismo crítico ou emancipatório, que é aquele que busca reconhecer os direitos dos grupos minoritários, impondo barreiras à propagação da globalização hegemônica, resistindo à homogeneidade cultural e protegendo a diversidade cultural.

Outro ponto de grande interesse abordado foi o surgimento de minorias culturais a partir do processo da globalização. A hegemonia ocidental é conduzida pela força do capitalismo global, que exclui, discrimina e favorece a iniquidade entre os grupos. É evidente, entretanto, uma relação entre o multiculturalismo e globalização, pois esta é uma das principais formas para o surgimento de grupos excluídos na sociedade.

Desse modo, um dos desafios dos defensores da globalização contra-hegemônica, sobretudo dos adeptos das políticas multiculturais, é buscar uma forma de globalização que se adapte a uma sociedade multicultural, respeitando todos os direitos do homem e a diversidade cultural.

Enfim, pode-se afirmar que, enquanto os cidadãos não tomarem consciência de sua força democrática para a realização de diversos movimentos emancipatórios, os grupos hegemônicos ditarão regras de convivência, seus costumes, suas crenças, ou seja, toda a sua ideologia capitalista voltada à exclusão de grupos que não sejam dominantes, para, conseqüentemente, alcançarem uma unidade de identidade cultural. Por fim, é necessária uma urgente mudança no sistema, a fim de que seja assegurada a todos a tão almejada dignidade da pessoa humana.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- GANDIN, Luiz Armando & HYPOLITO, Álvaro Moreira. Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento. In: *Currículo sem Fronteiras*, v. 3, n. 2, 2003 p. 5-23. Disponível em: <<http://www.boaventuradesousasantos.pt/documentos/curriculosemfronteiras.pdf>>.
- HABERMAS, Jürgen. *Direito e democracia*. Entre facticidade e validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- IANNI, Octavio. *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MCLAREN, Peter. *A vida nas escolas*. Uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.
- SEMPRINI, Andréa. *Multiculturalismo*. Bauru: Edusc, 1999.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade – uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SOUZA, João Francisco de. A pós-modernidade/ mundo e suas implicações educativas na visão de Paulo Freire. In: LIMA, Maria Nayde dos Santos & ROSAS, Argentina (Orgs.). *Paulo Freire – quando as ideias e os afetos se cruzam*. Recife: Universitária UFPE/ Prefeitura da Cidade de Recife, 2001.
- TOURAINÉ, Alain. *Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- TORRES, Carlos Alberto. *Democracia, educação e multiculturalismo: dilemas da cidadania em um mundo globalizado*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- VIEIRA, Liszt. *Os argonautas da cidadania – a sociedade civil na globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- WUCHER, Gabi. *Minorias: proteção internacional em prol da democracia*. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2000.